

AÇÃO DA OXAMNIQUINE SOBRE O *SCHISTOSOMA MANSONI* EM CAMUNDONGOS EXPERIMENTALMENTE INFECTADOS COM UMA CEPA DO KENIA

A. KOHN^{*/+}, J. BRUCE^{**}, G. KINOTI^{***}, W. T. MUTAHI^{***}, G. COLES^{****} & N. KATZ^{*****}

*Instituto Oswaldo Cruz, Departamento de Helminologia, Caixa Postal 926, 20001 Rio de Janeiro, RJ, Brasil

University of Lowell, USA *University of Nairobi, Kenia ****University of Massachusetts, USA

*****Centro de Pesquisas René Rachou-FIOCRUZ, Caixa Postal 1743, 30190 Belo Horizonte, MG, Brasil

A utilização de doses de oxamniquine duas a três vezes maiores que as utilizadas no Brasil, para tratamento dos pacientes infectados com *Schistosoma mansoni* no Kenia, indica a necessidade de estudos experimentais visando conhecer possíveis diferenças de cepas dos vermes daquele país africano, que talvez pudessem explicar este fato.

A grupos de camundongos infectados com um isolado de *S. mansoni*, procedente de uma menina de 9 anos, nascida e residente no Kenia e que nunca fora tratada especificamente, foi administrado oxamniquine por via oral, na dose única de 100, 200 ou 300 mg/kg. Os animais foram sacrificados duas semanas após o tratamento. Os vermes recuperados por perfusão foram fixados com formol neutro a 10%. Parte foi corada pelo carmim clorídrico alcoólico, desidratada na série alcoólica, diafanizada com Creosoto de Faia e montada em Bálsamo do Candá. Parte foi incluída em parafina e feitos cortes de 3-5 μ que foram corados pela hematoxilina-eosina.

Nos vermes recuperados de camundongos

tratados com 100 mg/kg de oxamniquine, não foram observadas modificações estruturais à microscopia óptica.

Raros vermes machos recuperados de camundongos tratados com 200 e 300 mg/kg de oxamniquine, apresentaram alterações de natureza degenerativa no parênquima do corpo. Não foram evidenciados pela microscopia óptica, modificações estruturais nos aparelhos digestivo e reprodutor dos vermes examinados.

Foi portanto possível comprovar que a necessidade de se usar doses maiores para o tratamento de pacientes no Kenia, quando comparadas às utilizadas no Brasil, está relacionada à tolerância das cepas de *Schistosoma mansoni* daquele país. De fato, os estudos experimentais feitos no Brasil, registraram alterações acentuadas no tegumento e no parênquima ("lesões de bolha") dos vermes machos retirados de camundongos que haviam sido tratados com dose única de 100 mg/kg (A. Kohn & cols., 1979, *Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo*, 21: 217-227; A. Kohn & cols., 1982, *Ann. Parasit. (Paris)*, 57: 285-291).

⁺ Research fellow CNPq.